



Artigo

DOI: <https://doi.org/10.22484/2318-5694.2025v51id5839>

JORNALISMO, VIOLENCIA E CONFLITOS AMBIENTAIS NA AMÉRICA LATINA

Journalism, violence, and environmental conflicts in latin america

Periodismo, violencia y conflictos ambientales en América Latina

Anna Júlia Carlos da Silva¹

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-9669-8113>

E-mail: annajuliacarlos@outlook.com

Reges Schwaab²

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8226-6838>

E-mail: reges.ts@gmail.com

Resumo: Este artigo tematiza as relações entre jornalismo, violência e conflitos ambientais na América Latina, analisando como estratégias de denúncia, resistência e emancipação se articulam em discursos jornalísticos comprometidos com abordagens alternativas. Como objeto de estudo, toma a reportagem “A Amazônia dos fungos”, da jornalista Eliane Brum, publicada nas plataformas *Sumaúma* (Brasil) e *Dromómanos* (México). Por meio de um gesto de leitura discursiva, são identificados cinco núcleos de sentido que problematizam as relações entre jornalismo, ciência, capitalismo, feminismo e violência na cobertura de conflitos socioambientais.

Palavras-chave: jornalismo; meio ambiente; análise do discurso.

¹ Universidade Federal de Santa Maria. Camobi, Santa Maria, RS, Brasil.

² Universidade Federal de Santa Maria. Camobi, Santa Maria, RS, Brasil.

Abstract: This article thematizes the relationships between journalism, violence and environmental conflicts in Latin America, analyzing how strategies of denunciation, resistance and emancipation articulate themselves in journalistic discourses committed to alternative approaches. As the object of study, it takes the report "The Amazon of Fungi", by journalist Eliane Brum, published on the *Sumaúma* (Brazil) and *Dromómanos* (Mexico) platforms. Through a gesture of discursive reading, five nuclei of meaning are identified that problematize the relationships between journalism, science, capitalism, feminism and violence in the coverage of socio-environmental conflicts.

Keywords: journalism; environment; discourse analysis.

Resumen: Este artículo tematiza las relaciones entre periodismo, violencia y conflictos ambientales en América Latina, analizando cómo estrategias de denuncia, resistencia y emancipación se articulan en discursos periodísticos comprometidos con abordajes alternativos. Como objeto de estudio, toma el reportaje "La Amazonía de los hongos", de la periodista Eliane Brum, publicado en las plataformas *Sumaúma* (Brasil) y *Dromómanos* (México). Por medio de un gesto de lectura discursiva, son identificados cinco núcleos de sentido que problematizan las relaciones entre periodismo, ciencia, capitalismo, feminismo y violencia en la cobertura de conflictos socioambientales.

Palabras clave: periodismo; medio ambiente; análisis del discurso.

1 ESTRUTURA DO TEXTO

Este artigo tematiza as relações entre jornalismo, violência e conflitos ambientais na América Latina, analisando como estratégias de denúncia, resistência e emancipação se articulam em discursos jornalísticos comprometidos com abordagens alternativas. A partir do gesto de leitura de uma reportagem em profundidade veiculada pelas plataformas independentes *Sumaúma* [2025] e *Dromómanos* [2025] buscamos discutir de que maneira o jornalismo pode confrontar discursos hegemônicos e ampliar a visibilidade crítica da crise socioambiental, sobretudo em contextos marcados pela violência contra jornalistas e ativistas. Com base na reportagem "A Amazônia dos fungos", de Brum (2023) – redatora e fundadora de Sumaúma –, identificamos cinco núcleos de sentido e 25 sequências discursivas que articulam dizeres sobre jornalismo, ciência, capitalismo, feminismo e violência.

A escalada de violência na América Latina tem alvos recorrentes: povos originários, jornalistas e ativistas ambientais. O Brasil registra, na última década, taxas de violência letal contra a população indígena superiores à da população em geral (Atlas [...], 2025), além de figurar como o segundo país mais perigoso para jornalistas nas Américas (Brasil [...], 2025) e para defensores ambientais no mundo (Vozes [...], 2024). No contexto da disputa por territórios e sentidos, não é por acaso que os primeiros a serem exterminados sejam justamente aqueles que defendem a verdade e narram a terra. Esses agentes carregam o compromisso de estancar e repassar um passado e um presente manchados pelo trauma da violência das invasões, das ditaduras e dos crimes ambientais, muitas vezes evidenciando os responsáveis por essas violações. Enquanto o Norte e o Sul Globais competem um lento xadrez geopolítico, são as redes de comunidades, o jornalismo independente e os movimentos ativistas que enfrentam, no cotidiano, o risco de serem derrubados.

A disputa por territórios emerge como consequência direta da modernidade enquanto projeto colonial de dominação, cujas bases epistemológicas e materiais se originaram na construção eurocêntrica da civilização ocidental como narrativa de progresso e conquista (Mignolo, 2017). Nesse cenário, a América emergiu como espaço inventado, mapeado e sistematicamente apropriado através de distintas fases: a primeira, ibérica e católica, foi liderada por Espanha e Portugal durante os séculos XV a XVII; a segunda, do núcleo europeu, entre os séculos XVIII e XIX, protagonizada por Inglaterra, França e Alemanha; e, por fim, a terceira, da hegemonia estadunidense, que perdura desde o século XX (Mignolo, 2017). Essa ordem genocida renova-se com o passar do tempo, encontrando no capitalismo, acelerado e nomeado pelas Revoluções Industriais, seu aparato técnico e ideológico de perpetuação.

No Brasil, os recentes embates políticos têm centralizado o debate sobre a demarcação de terras indígenas. Em nível global, o exemplo mais extremo, desde 2024, é a disputa de Israel pelo território palestino, que recentemente ampliou seus ataques para o Irã, o Líbano, o Iêmen e a Síria. O conflito resultou em um dos maiores massacres de jornalistas deste século: quase duzentos profissionais palestinos foram mortos pelo exército israelense (Palestina [...], 2025). Além disso, gerou cerca de 39 milhões de toneladas de entulho, dispersou munições com metais pesados e compostos químicos

explosivos, e paralisou quase totalmente os sistemas de água, saneamento e higiene em Gaza (UNEP, 2024). Said (2007) argumenta que o sionismo israelense atualiza o colonialismo europeu, em um projeto de invasão territorial, desumanização e produção de discursos ilegítimos.

A perseguição aos jornalistas nesses cenários ecoa a mensagem do célebre poema “Primeiro eles vieram...”, de Martin Niemöller (s/d), em sua adaptação contemporânea a contextos de protesto: “Primeiro vieram pelos jornalistas – não sabemos o que aconteceu depois disso”. Ou seria, nos dias de hoje, não sabemos *ao certo*?

A disputa discursiva insere-se nessa lógica, uma vez que a perpetuação da matriz colonial está indissociavelmente vinculada aos regimes de enunciação e produção de conhecimento (Mignolo, 2017). O conceito de pós-verdade, muito debatido, ajuda a entender como funciona a guerra narrativa. Por meio dele, comprehende-se os fatos não como distorcidos, reinterpretados ou convenientemente omitidos, mas inventados e apresentados para servir a uma visão de mundo ou agenda política, de modo que para cada relato de evento surge uma versão oposta, transformando a verdade em um campo de disputa (Kalpokas, 2019).

Se esse quadro reflete um projeto colonial renovado pelo capital, a crítica marxiana oferece as importantes ferramentas para desvendar sua lógica material. Portanto, ao conjugar práticas decoloniais e anticapitalistas, gera-se uma crítica que prioriza, como condição primeira, a identificação dos espaços de atuação mais estratégicos, visando tanto desestabilizar a hegemonia ocidental quanto promover a emancipação efetiva dos povos subjugados – unindo formação, denúncia e agitação (Mignolo, 2017; Barreto, 2024).

O jornalismo, enquanto espaço fundamental de enunciação cujo objeto é a própria informação, estabelece uma relação direta com esses contextos. Diante das transformações globais, cabe ao campo reinventar-se para responder à crescente complexidade. Reacendem-se, então, questões centrais: qual é o lugar do jornalismo em meio a isso? Quais são, afinal, as formas mais adequadas de narrar essa realidade? E como sistematizar essas práticas? Para respondê-las, é preciso “rediscursivizar” o próprio jornalismo e as suas práticas.

A América Latina tem se consolidado como um território fértil para iniciativas de jornalismo independente (Oliveira, 2021), particularmente de enfoque socioambiental e com rastros de ativismo político. Diante do crescente interesse acadêmico por esses veículos, em pesquisa anterior elegemos como objeto de estudo a já citada plataforma *Sumaúma: Jornalismo do Centro do Mundo*, experiência brasileira significativa para discutir possíveis atualizações para o pensar e o fazer jornalístico diante do nosso singular momento histórico e geopolítico. Atualmente, buscamos complexificar o olhar para a plataforma, envolvendo também sua parceira mexicana *Dromómanos*, a partir do projeto conjunto Colapso, que cobre a crise climática e os recursos naturais na América Latina. Cabe ressaltar que o México lidera o ranking latino-americano de países com maior risco a jornalistas (Américas [...], 2025), quadro que impõe desafios ainda maiores ao trabalho investigativo na região.

Diante disso, este estudo propõe uma análise discursiva da reportagem “A Amazônia dos fungos”, de Eliane Brum (2023), redigida em Altamira, Pará, na Amazônia brasileira. Objetivamos investigar se e como estratégias de denúncia, resistência e emancipação emergem do discurso jornalístico quando este se compromete com uma cobertura alternativa aos espaços tradicionais. Para isso, organizamos este material em quatro seções, incluindo a Introdução (a). A seguir, apresentamos os capítulos que fundamentam este trabalho: Referencial Teórico e Metodológico (b), Gesto de Leitura (c) e Considerações Finais (d).

2 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO

A violência é parteira de toda sociedade velha que está prenhe de uma sociedade nova.

– Karl Marx ([1867] 2013, p. 821).

Nesta seção, buscamos situar as questões teóricas e metodológicas que fundamentam o artigo. Considerando que o projeto colonial aplicado à América Latina é renovado pelo capitalismo, articulamos contribuições marxianas que relacionam o sistema às emergências socioambientais. Recuperando o materialismo histórico, o imperialismo e as resistências, procuramos mostrar como o jornalismo pode tanto reproduzir as gramáticas hegemônicas quanto confrontá-las. A partir disso, discutimos possibilidades críticas para o campo.

Muitas obras atuais têm realizado esforços para aproximar as contribuições marxianas da discussão ambiental. Devido à extensão da obra de Marx e de seus interesses formais ou informais em áreas diversas, a compreensão predominante parece apontar para a intrínseca referência à natureza como sendo o que comumente se chama de *base material* de reprodução social. Afinal, no século XXI o meio ambiente tem sido simbolizado por uma série de discursos, acontecimentos e instituições que não existiam no século XIX. Em tempos de expansão massiva do operariado fabril e da produção industrial, o ambiente se associava mais facilmente ao fornecimento de matérias-primas e à edificação de infraestruturas, ainda sem beirar os limites ecológicos do capitalismo, que hoje circulam discursivamente sob diferentes aparências. A natureza – em seus elementos como solo, clima e recursos – exemplifica a dependência humana das condições materiais de existência, refletindo assim os princípios do materialismo histórico.

Para retornar ao método marxiano, não é preciso ir tão longe. Como sintetiza Oliveira (2025), o modo de produção capitalista, segundo Marx, tem como fundamento a alienação dos seres humanos de suas bases materiais de reprodução social, que se concretiza através da violenta expropriação da terra, dos recursos naturais e dos meios de produção. Telésforo (2025, p. 76-77), ao recuperar Marx, define que a economia capitalista é orientada “pela produção e realização de lucro, e não pela satisfação das necessidades”, de modo que “a taxa de lucro é a força propulsora da produção capitalista, e só se produz o que se pode e quando se pode produzir com lucro”. O raciocínio é simples: enquanto a acumulação de capital depender da exploração

intensiva da natureza para garantir lucratividade, a espoliação ambiental persistirá – não apenas como opção, mas como necessidade estrutural do modelo.

Por consequência, as questões ambientais acabam por concentrar simultaneamente diversos conflitos que, apesar de aparecerem em diferentes áreas da vida, seguem uma mesma lógica: a do capitalismo, atualmente em sua configuração neoliberal (Miguel, 2025). Basta ver os desdobramentos da produção destrutiva das corporações transnacionais, que além de provocarem crimes socioambientais de grande escala, criam cidades insustentáveis, roubam terras e outros recursos estratégicos para a geopolítica mundial e fomentam guerras que matam em escala desmedida (Novaes, 2025). Aliás, a indústria de armamentos é um bom exemplo para o insensato desperdício de recursos pelo capitalismo para produção de produtos inúteis ou nocivos, cuja única utilidade é gerar lucro para as grandes empresas (Löwy, 2025). Os números são eloquentes: como mostra Telésforo (2025), o Departamento de Defesa dos Estados Unidos responde por mais de 80% das emissões de carbono do governo federal.

Além de estar intrinsecamente ligado à exploração dos recursos naturais – devido à sua lógica de maximização de lucros –, o capitalismo encontra-se estruturalmente associado ao imperialismo competitivo, que obriga nações a disputarem recursos estratégicos para a indústria bélica e a extração de combustíveis fósseis (Telésforo, 2025). Essa dinâmica se materializa de forma concreta principalmente em países periféricos, como o Brasil. Segundo Novaes (2025), a maior parte dos crimes ambientais brasileiros deriva de nossa formação socioeconômica histórica, marcada por um capitalismo dependente e associado ao imperialismo. Como evidenciam os ciclos econômicos do país – da cana-de-açúcar, do ouro e do café no período colonial, até a soja, o eucalipto, o boi e a cana na fase neocolonial –, a exploração predatória está enraizada nesse modelo de acumulação que reproduz profundos problemas socioambientais (Novaes, 2025).

No cenário global, enquanto alguns setores adotam o negacionismo climático de forma explícita, outros – sobretudo o capital financeiro – assumem uma postura de aparência mais responsável, reconhecendo a emergência ambiental no discurso, mas limitando sua ação a mecanismos voluntários de mercado, como o ESG (Telésforo, 2025). Essas soluções não buscam transformações estruturais, mas a legitimação e propagação da racionalidade neoliberal acima da intervenção estatal ou da justiça socioambiental (Telésforo, 2025). Assim, essa dinâmica inflige à natureza um ciclo vicioso de degradação que serve ao próprio capital. O capitalismo verde, ideário de quem prefere naufragar abraçado ao capital a cogitar qualquer possibilidade pós-capitalista, precisa ser rigorosamente rejeitado como alternativa (Barreto, 2024). Como argumenta Barreto (2024, p. 107), “não se trata de afirmar que a via revolucionária é preferível ou superior a outras disponíveis. Trata-se de afirmar que ela é a única via ainda em aberto com algum potencial para evitar nosso próprio desaparecimento”.

Muitas alternativas poderosas têm emergido dos movimentos sociais, sobretudo na América Latina. A articulação entre a luta pela terra, a valorização das mulheres e a resistência de comunidades negras e indígenas têm redirecionado pautas

políticas como resposta ao capitalismo expropriador – sistema que expulsa populações marginalizadas de seus territórios, reproduzindo a dominação fundiária masculina e branca herdada do colonialismo escravista (Fernandes, 2025). Contudo, como alertam Salleh (2025) e Novaes (2025), o neoliberalismo tenta capturar até mesmo as resistências, reduzindo-as a demandas fragmentadas e disputas por reconhecimento identitário desconectadas da crítica estrutural à acumulação por expropriação. Logo, a autovigilância e autocritica política se faz urgente para evitar a neutralização do potencial revolucionário das lutas anticapitalistas. É possível abordar a importância das identidades sem resvalar no identitarismo ultraliberal.

Se essas discussões são encaminhadas para a conclusão de que a superação da sociedade capitalista é necessária e urgente e que as lutas do cotidiano absorvem muito da atenção e da energia do povo, então a estratégia viável é tomar posse dessas lutas com consciência revolucionária, intencional e metódica (Barreto, 2024). A tríade estratégica proposta por Barreto (2024) inclui: formação, com a qual se constrói repertório crítico e capacidade de reflexão sobre as próprias condições e os limites insuperáveis do capitalismo; denúncia, que produz um manancial de evidências sobre o caráter alienado, violento e desigual do sistema; e agitação, que transforma o descontentamento em ação organizada.

Nesse cenário, o jornalismo têm ocupado lugares diferentes: ou emerge como instrumento de formação crítica, denúncia e agitação ao promover ações ou visibilizar movimentos anticapitalistas; ou, por outro lado, reproduz o novo dicionário do capital, que prefere usar os conceitos desastres naturais, crises ambientais, desenvolvimento sustentável e emergência climática; neutralizando e despolitizando crimes ambientais decorrentes do avanço do modo de produção capitalista (Novaes, 2025; Miguel, 2025). Não raramente, membros da comunidade científica e jornalistas tendem a reduzir questões ambientais a dicotomias entre fatos e valores, realidade e ficção, verdade e alienação, sem abordar as raízes mais profundas do problema (Miguel, 2025).

Essa encruzilhada tensiona a ética profissional e exige uma tomada de posição pelos jornalistas: ou defendem a justiça socioambiental ou legitimam a violência do capital. Cientes dessa sentença, meios como *Sumaúma* e *Dromómanos* produzem reportagens que procuram confrontar lógicas hegemônicas, mesmo atuando nos dois países mais perigosos para jornalistas nas Américas: Brasil e México (Brasil [...], 2025; Américas [...], 2025).

Mais do que apenas mapear os mecanismos que preservam as estruturas de poder – como gramáticas de silenciamento, eufemismo, individualização, despolitização, etc. –, é preciso sistematizar as práticas que atualizam o jornalismo. Fazer es que, em aparente contradição, são os verdadeiramente capazes de cobrir todos os lados justamente ao escolher um: o da justiça socioambiental, em sua crítica, transparência e transversalidade.

Para estudar os veículos e os jornalistas que assumiram essa posição, elegemos o dispositivo da Análise do Discurso (AD), que une ao seu campo o materialismo histórico e que emerge com caráter revolucionário nos anos 1960, na França. Seu arcabouço teórico-metodológico permite investigar as relações entre sujeito, lugar e

resistência no jornalismo, esquadrinhando as gramáticas que permeiam esses discursos.

A AD tem como objeto de estudo o discurso, entendido em suas materialidades linguística e sócio-histórico-ideológica, que permitem identificar marcas da historicidade e compreender a constituição do sujeito (Oliveira; Radde, 2020). Conforme Orlandi (2020), a AD não se limita ao texto como fim em si mesmo, mas o considera uma unidade de acesso ao discurso e ao processo que o produz. Esse acesso se dá por meio da análise da materialidade linguística do texto, que fornece indícios sobre como o discurso se materializa na linguagem.

O método não busca um sentido *verdadeiro* na materialidade analisada, mas sim o sentido *real* (Orlandi, 2020). Esse real, conforme Costa (2020), não se confunde com a realidade, mas refere-se à falta, aos pontos de impossibilidade de dizer tudo, da opacidade constitutiva do dizer. A AD investiga como essas derivas de sentido, histórica e ideologicamente constituídas, operam no discurso. O real manifesta-se na estrutura da língua como um retorno do que foi silenciado, persistindo mesmo como não-dito e resistindo na linguagem (Costa, 2020).

Diante dessa complexidade, a AD busca ultrapassar a superfície do dito, explorando os sentidos que emergem da relação entre as palavras e a exterioridade. Como afirma Orlandi (2020, p. 30), “o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas ‘nossas’ palavras”. Dessa forma, a AD revela como os discursos são atravessados por condições históricas, ideológicas e linguísticas que ultrapassam a intenção imediata do sujeito. A AD, ao identificar, por exemplo, filiação decolonial ou anticapitalista em um material jornalístico, tanto desvela seu posicionamento quanto viabiliza a importação de conceitos e práticas desses campos para repensar e atualizar o jornalismo.

Até aqui, demonstramos como a crítica marxiana e o arcabouço da AD podem operar como ferramentas potentes para se pensar o jornalismo. Isto posto, prosseguimos para a análise e a discussão.

3 GESTO DE LEITURA

Neste gesto de leitura, propomos o estudo da reportagem “A Amazônia dos fungos” (Brum, 2023), publicada em 4 de outubro de 2023 no *Projeto Colapso* – iniciativa conjunta da plataforma *Sumaúma* e do coletivo *Dromómanos*. Escrito por Eliane Brum, o texto foi selecionado por representar a contribuição brasileira em um conjunto de oito reportagens sobre o colapso socioambiental na América Latina, que inclui ainda países como Colômbia, Paraguai, Bolívia, Panamá, Porto Rico e México. A seguir, apresentaremos os cinco núcleos de sentido e as 25 sequências discursivas (SDs) identificadas a partir da leitura atenta e sucessiva da reportagem e à luz do manancial teórico-metodológico da Análise do Discurso. Discutiremos jornalismo, ciência, capitalismo, feminismo e violência.

Em estudo anterior (Silva, 2024), chamamos atenção para o tom autorreferencial presente nas produções de *Sumaúma*, marcadas pela eventual ou constante menção às suas próprias práticas e profissão. Essa postura reforça que, mesmo à margem do jornalismo – dado que condutas não-hegemônicas ainda não são plenamente reconhecidas –, suas construções o compõem e concorrem para reconfigurar o que se entende sobre o campo. Na leitura da reportagem em questão, constatamos novamente essa atitude.

Nessa matéria, *Sumaúma* comprehende uma concepção de jornalismo que exige do repórter a capacidade de acessar o mundo em sua alteridade radical (SD1), a incorporação de novas ferramentas de reportagem que expandam a consciência (SD2) e um processo ativo de desbranqueamento do jornalismo tradicional e de seus protagonistas (SD3). Eliane diz defender isso *com todos os dentes* (SD1), remetendo à necessidade de resistência física e discursiva frente a esses discursos que, portanto, sofrem contestações – sobretudo dos setores hegemônicos do campo.

SD1 Se o **jornalismo exige se tornar capaz de alcançar o mundo que é o outro**, alcançar uma experiência outra de ser e de estar nessa casa-planeta, e eu **defendo isso com todos os meus dentes** desde que me tornei jornalista, 35 anos atrás, no caso dos fungos é (quase) impossível.

SD2 Teremos que **acolher essas novas ferramentas de reportagem** se quisermos fazer melhor jornalismo sobre mais-que-humanos, capazes de **ampliar nossas possibilidades de investigação de mundos outros pela abertura de partes de nossa consciência que permanecem adormecidas se não houver estímulo**.

SD3 Tudo isso envolve uma profunda negociação com os povos-floresta – ou, o mais interessante, um **desbranqueamento do jornalismo tradicional e de seus protagonistas**.

O posicionamento crítico estende-se também à ciência enquanto instituição. A reportagem denuncia a sua insuficiência epistêmica – que desconhece pelo menos 90% dos fungos (SD13); seu lastro histórico eurocêntrico, marcado por práticas coloniais, elitistas e excluidentes (SD14, SD21, SD23); e as precárias condições estruturais de pesquisa no Brasil - com cortes de financiamento e riscos à segurança pessoal, intensificados sob governos de direita (SD16, SD22). Assim, *Sumaúma* desnaturaliza a ciência como instituição neutra, recuperando sucessivamente sua relação com as estruturas hegemônicas de poder. O uso do termo “mais-valia” (SD21), aliás, remete ao pensamento marxista.

SD13 Se a **ciência acadêmica conhece menos de 10% dos fungos** existentes no planeta, a hipótese mais provável é que grande parte dos demais 90% esteja em florestas tropicais do mundo, centros de biodiversidade da Terra.

SD14 A **ciência foi sempre tão colonizadora quanto as monarquias europeias e a burguesia comercial ascendente ao invadir as Américas**. Assim, os cientistas que documentaram gêneros e espécies de fungos no Brasil e em toda a América Latina são quase 100% europeus, com **mentalidades eurocêntricas**.

SD16 É em contextos como os do território Yanomami que os **cientistas brasileiros precisam trabalhar e são, com frequência, impedidos** durante meses ou mesmo por anos a seguir com suas pesquisas devido à insegurança.

SD17 Não há salvação fora da ação política, algo que parte da comunidade científica ainda demora a compreender.

SD21 A produção da ciência ainda é um território com vasta exploração colonial e muito mais-valia.

SD22 Durante o governo Bolsonaro, houve um **corte brutal no financiamento da ciência** que atingiu fortemente os cientistas brasileiros, uma tendência que já tinha se iniciado em anos anteriores.

SD23 O nome científico, como de hábito, é feito para ninguém pronunciar – *Pusillomyces*.

Na mesma direção, a reportagem menciona reiteradamente o capitalismo e sua relação com processos de destruição socioambiental. O sistema é caracterizado como 'mundo das mercadorias', portanto dominado por essa lógica que emerge como produtora do utilitarismo, do molde, da corrosão e da deformação da humanidade (SD4, SD6); um aparato beligerante contra a natureza, operado por uma minoria dominante composta por super-ricos, corporações transnacionais e instituições políticas (SD9); e uma estrutura em ruínas, que cria o contexto em que surgem resistências (SD7). Assim, o capitalismo é apreendido por Eliane como a própria engrenagem geradora de destruição, estrutura de poder que ameaça o planeta e que, portanto, deve ser diretamente denunciada e combatida.

SD4 Mas no **mundo das mercadorias**, essas criaturas [fungos] que em geral só eram notadas quando arruinavam um dedão do pé foram, de certo modo, "descobertas" por uma plateia sofisticada, capaz de entender o que esses seres representam num planeta em mutação climática.

SD6 Mas como o **capitalismo moldou humanos que só percebem e respeitam aqueles que não são eles mesmos se souberem que existe alguma utilidade**, é preciso lembrar que os fungos estão na base de quase tudo o que é importante no cotidiano, do pão e da cerveja à penicilina que salvou e salva milhões de pessoas todos os anos.

SD7 Em Altamira, meu habitat, **as ruínas do capitalismo** de que fala Anna Tsing não poderiam estar mais explícitas – e é **nessas brechas que também se produz uma resistência feroz** de tudo o que é vivo.

SD9 O Brasil (des)abriga 60% da maior floresta tropical do planeta. Nesta vasta porção, é provável que nenhum outro lugar represente mais do que Altamira a **guerra movida contra a natureza pela minoria dominante formada pelas corporações transnacionais, pelos governos e parlamentos que as servem e grande parte dos super-ricos** que hoje constroem bunkers em países como Nova Zelândia para se proteger do cataclismo climático – ou tentam achar um jeito de alcançar Marte.

SD19 Por mais que eu entenda os **mecanismos usados pelo capitalismo para produzir a corrosão acelerada dos corpos dos humanos, a deformação do sentir e do pensar** que se iniciou pelo aluguel dos corpos e moldou os interiores pelo consumo, é impossível deixar de me intrigar como se destrói a floresta por ouro quando há nas nossas mãos essas maravilhas que viram floresta.

Críticas ao patriarcado e ao antropocentrismo também emergem como responsáveis diretos pela catástrofe climática (SD5, SD18). Na origem da destruição ambiental está o impacto do patriarcado - que viola os corpos das mulheres com a mesma lógica que devasta a floresta, tratando ambos como meros objetos de exploração (SD10), como determinam as práticas coloniais e capitalistas. A exemplo dos casos de tortura sádica contra jornalistas durante o regime militar, a violência se manifesta com particular crueldade contra as mulheres (SD11).

SD5 O antropocentrismo – colocar o homem (o gênero é proposital) no centro – nos levou à catástrofe climática. Também tem limitado nosso olhar sobre todos que chamamos outros.

SD10 É impossível compreender a destruição da Amazônia – e de qualquer bioma – sem contemplar o **impacto do patriarcado**. **O corpo da floresta tem sido violado por décadas pela mesma lógica que viola o corpo das mulheres**, o corpo da floresta como o das mulheres tratado como objeto de exploração – corpo submetido de onde se arranca tudo para que a exploração possa seguir.

SD11 Para as mulheres que se opunham ao regime ditatorial eram reservadas doses extras de sadismo, como colocar ratos e baratas em sua vagina, deixá-las presas com uma cobra, como aconteceu com a jornalista Miriam Leitão, ou trazer os filhos pequenos para testemunharem o corpo arrebentado da mãe torturada, como fizeram com as crianças de Amélia Telles.

SD18 Se há poucos recursos para proteger os próprios humanos, numa **cultura hegemônica que coloca o humano no centro de tudo**, é fácil imaginar o que resta mesmo para não humanos da chamada “fofofauna”, como tartarugas e golfinhos, também ameaçados de desaparecer em algumas regiões.

A violência aparece como um projeto histórico e estrutural. Estimulada por governos de direita, a impunidade é um traço contínuo do sistema, que favorece milícias e pistoleiros que ameaçam a floresta e seus defensores (SD8, SD15), repetindo padrões de extermínio como os da ditadura militar, que também massacrou povos indígenas (SD12). *Sumaúma* menciona sua denúncia, em 2023, do genocídio indígena incentivado pelo governo Bolsonaro, com garimpeiros e crime organizado atuando em conjunto (SD15). Também recupera a pandemia de Covid-19, período de mortes em massa em que o mesmo governo negou direitos básicos principalmente aos povos originários (SD20). Há referência à colonização, quando os europeus trouxeram doenças que dizimaram 90% das populações nativas (SD24). Em uma única reportagem, Eliane resgata diversas épocas e modos de violência, que tem origem no período colonial, seguem avançando com a expansão do capitalismo, e que apontam para o objetivo de aniquilar especialmente aqueles que resistem.

SD8 O distrito de Castelo de Sonhos, por exemplo, pertence ao município de Altamira, mas está a mil quilômetros da sede, o que ajuda bastante os **destruidores da floresta e suas milícias de pistoleiros a ameaçar e matar os defensores da Amazônia** e permanecer impunes.

SD12 Durante a ditadura, mais de 8 mil indígenas foram assassinados.
Parte da rodovia foi aberta à custa de **sangue e extermínio**.

SD15 No início deste ano [2023], SUMAÚMA revelou um **genocídio** no território, provocado pela **invasão de garimpeiros estimulados pelo ex-presidente Jair Bolsonaro**, com envolvimento de pelo menos uma das grandes corporações de crime organizado.

SD20 Mais de 700 mil pessoas morreram no Brasil na pandemia, quando o governo Bolsonaro executou um plano de disseminação do vírus para obter "imunidade de rebanho". **Para os indígenas, foi ainda pior**: Bolsonaro chegou a vetar água potável, leitos emergenciais e campanha de prevenção nas línguas indígenas, vetos depois derrubados pelo Parlamento.

SD24 A família beiradeira vivia na ilha do Pedro Alves – não confundir com **Pedro Álvares Cabral, o navegador português responsável pela invasão do que se chamaria Brasil, colaborador do que, nos séculos 16 e 17, se tornaria o extermínio de mais de 90% das populações originárias de algumas regiões das Américas**, pelos vírus e bactérias que atravessaram o mar a bordo do corpo desses homens.

SD25 Na floresta, aprendemos que só existe silêncio quando há morte.

Isto posto, observamos a plataforma *Sumaúma*, sobretudo a jornalista Eliane Brum, assumirem um tom autorreferencial e crítico que contribui para pensar caminhos de reconfiguração das práticas do campo jornalístico tradicional. Sua proposta envolve um campo comprometido com a alteridade radical, com novas ferramentas de narrar e com a desconstrução do jornalismo hegemônico branco-eurocêntrico. A ciência, produtora de conhecimento, é denunciada em suas limitações epistêmicas, sua herança colonial e sua precariedade no Brasil, unindo-se como instituição às demais estruturas de poder. O capitalismo é evocado como eixo estruturante da destruição socioambiental, bem como o patriarcado e o antropocentrismo, como mecanismos de dominação que operam simultaneamente, tratando grupos marginalizados como objetos de exploração e elites econômicas e políticas como liderança. A violência é exposta desde os processos coloniais de extermínio até as políticas genocidas contemporâneas, como protetoras de interesses de milícias e grupos econômicos e silenciadoras de resistências. Assim, *Sumaúma* denuncia ativamente, em seus dizeres, tais engrenagens do sistema colonial-capitalista, buscando emergir como alternativa de comunicação comprometida com a transformação social.

4 DISCUSSÕES E CONCLUSÕES

A partir da reportagem “A Amazônia dos Fungos”, de Eliane Brum (2023), é possível reunir uma série de interpretações sobre as relações entre jornalismo, violência e conflitos ambientais na América Latina. As plataformas *Sumaúma* e *Dromómanos* podem ser percebidas como iniciativas comprometidas com a desestabilização de narrativas hegemônicas, manifestando esse propósito crítico por meio de três dimensões: a redefinição do lugar social do jornalismo contemporâneo; a atribuição direta de responsabilidades ao capitalismo, à ciência ocidental, ao patriarcado e ao antropocentrismo pela destruição socioambiental; e a adoção de narrativas voltadas à denúncia e à emancipação.

Combinando elementos do ensaio filosófico, do manifesto político e da reportagem investigativa, a jornalista constrói um dizer no qual o factual dialoga com a memória e a crítica. Essa prática se caracteriza por alguns elementos distintivos: uma abordagem explicitamente posicionada, que conecta eventos históricos a quadros teórico-metodológicos – como a decolonialidade, o marxismo, o feminismo e o pós-humanismo –; o esforço em apontar agentes de poder como responsáveis por violações – vale lembrar que a própria Eliane sofre eventuais perseguições em Altamira –; a recusa das epistemologias dominantes em favor de saberes marginalizados – sobretudo os de mulheres e povos originários –; e um compromisso ativista com a visibilização de populações e territórios sistematicamente silenciados, como é o caso da Amazônia.

O material tensiona os limites convencionais do jornalismo ao evidenciar a possibilidade e a urgência de uma agência ético-política por parte de jornalistas. A opção por um posicionamento explícito configura o jornalismo como uma prática situada, que recusa a invisibilidade do sujeito enunciador e assume escolhas narrativas como gestos cidadãos. Vale destacar que não se trata de denunciar apenas um lado: a reportagem, além de criticar as disfunções do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL - Partido Liberal), de extrema-direita, aponta em outros momentos também as falhas do atual presidente Lula (PT - Partido dos Trabalhadores), que corresponde à esquerda.

Ao superar noções tradicionais sobre a profissão, Eliane Brum problematiza os critérios convencionais que apontam o “bom jornalismo”, demonstrando que é possível manter rigor analítico e profundidade investigativa mesmo diante de uma tomada de posição. Dessa forma, *Sumaúma* e *Dromómanos* apresentam o campo como espaço de resistência e transformação social, reconhecendo o poder das narrativas em funcionarem, mesmo quando inadvertidamente, como atos políticos. Diante da devastação socioambiental e da violência estrutural, essa forma de pensar e fazer jornalismo emerge, portanto, como uma alternativa para a produção de sentidos de denúncia e emancipação.

REFERÊNCIAS

- AMÉRICAS: Liberdade de imprensa nas Américas: a fragilidade econômica dos meios de comunicação aprofunda as fissuras democráticas. **RSF - Reporteres Sem Fronteiras**, Rio de Janeiro, [2025]. Disponível em: <https://rsf.org/pt-br/regiao/am%C3%A9ricas>. Acesso em: 26 jun. 2025.
- ATLAS da Violência 2025. Brasília: IPEA, 2025. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5999-atlasdaviolencia2025.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2025.
- BARRETO, E. S. **Pequeno guia para a crítica ecossocialista do capitalismo**. Marília: Lutas Anticapital, 2024.
- BRASIL: liberdade de imprensa em risco. **RSF - Reporteres Sem Fronteiras**, Rio de Janeiro, [2025]. Disponível em: <https://rsf.org/pt-br/pais/brasil>. Acesso em: 26 jun. 2025.
- BRUM, Eliane; ISHIKAWA, Noemí Kazue; BEZERRA, Francisco Marques. **A Amazônia dos fungos**. Altamira: Sumaúma, 2023. Disponível em: <https://sumauma.com/a-amazonia-dos-fungos>. Acesso em: 30 jun. 2025.
- COSTA, I. Real da Língua. In: FERREIRA, M. C. L. (org.). **Glossário de termos do discurso**. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 245–252.
- DROMÓMANOS. Disponível em: <https://dromomanos.com>. Acesso em: 30 jun. 2025.
- FERNANDES, S. Soberania alimentar e estratégia internacionalista. In: LUEDY, L. (org.). **Tempo fechado**: colapso ecológico e capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2025. p. 43–52.
- KALPOKAS, I. **A political theory of post-truth**. Cham/Suíça: Palgrave Pivot, 2019.
- LÖWY, M. A alternativa ecossocialista. In: LUEDY, Laura (org.). **Tempo fechado**: colapso ecológico e capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2025. p. 21–30.
- MARX, K. **O capital**: crítica da economia política: livro 1. São Paulo: Boitempo, [1867] 2013.
- MIGNOLO, W. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista brasileira de ciências sociais**, São Paulo, v. 32, n. 94, jun. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 jun. 2025.
- MIGUEL, J. C. H. Além do negacionismo: análise de crises e lutas no vértice das mudanças climáticas. In: LUEDY, Laura (org.). **Tempo fechado**: colapso ecológico e capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2025. p. 87–98.

NIEMÖLLER, Martin. First they came for the socialists... **United States Holocaust Memorial Museum.** [S. /], [S. d.]. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/martin-niemoeller-first-they-came-for-the-socialists>. Acesso em: 30 jun. 2025.

NOVAES, H. **A educação ambiental anticapitalista:** produção destrutiva, trabalho associado e agroecologia. São Paulo: Boitempo, 2025.

OLIVEIRA, A. S.; RADDE, A. Condições de Produção. In: FERREIRA, M. C. L. (org.). **Glossário de Termos do Discurso** - Edição Ampliada. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 47-50.

OLIVEIRA, N. Marx e as ciências da natureza. In: LUEDY, L. (org.). **Tempo fechado:** colapso ecológico e capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2025. p. 111–122.

OLIVEIRA, V. C. de. **A configuração da forma cultural do jornalismo independente nos territórios latino-americanos.** 2021. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2021. Disponível em: <https://encurtador.com.br/okNF>. Acesso em: 26 jun. 2025.

ORLANDI, E. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes Editores, 2020.

PALESTINA: jornalismo sob ataque. **RSF - Reporteres Sem Fronteiras**, Rio de Janeiro, [2025c]. Disponível em: <https://rsf.org/pt-br/pais/palestina>. Acesso em: 26 jun. 2025.

SAID, E. **Orientalismo:** o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALLEH, A. Refazendo mundo: com um novo acordo pluriversal. In: LUEDY, Laura (org.). **Tempo fechado:** colapso ecológico e capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2025. p. 31–42.

SILVA, A. J. C. **O lugar do jornalismo diante das emergências socioambientais nos discursos de repórteres.** 2024. 133 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2024. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/31703>. Acesso em: 30 jun. 2025.

SUMAÚMA. Disponível em: <https://sumauama.com>. Acesso em: 30 jun. 2025.

TELÉSFORO, J. Confissões do capitalismo “verde”: lucrando com a tragédia climática e com placebo ESG. In: LUEDY, Laura (org.). **Tempo fechado:** colapso ecológico e capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2025. p. 75–86.

UNEP - UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME. **Damage to Gaza causing new risks to human health and long-term recovery- new UNEP assessment.**

Nairobi: Unep, 2024. Disponível em: <https://www.unep.org/news-and-stories/press-release/damage-gaza-causing-new-risks-human-health-and-long-term-recovery>.

Acesso em: 26 jun. 2025.

VOZES silenciadas: a violência contra as pessoas defensoras da terra e do meio ambiente. Londres: Global Witness, 2024. Disponível em:

https://gw.hacdnl.io/media/documents/Global_Witness_Land_And_Environmental_Defenders_Sep_2024_Report_Portuguese_P11VA.pdf. Acesso em: 26 jun. 2025.

CONTRIBUIÇÃO DOS(AS) AUTORES(AS)

Anna Júlia Carlos da Silva – Redação; discussão; desenho da pesquisa; revisão geral.
Reges Schwaab – Discussão; revisão conceitual e metodológica; revisão geral.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o artigo "Jornalismo, violência e conflitos ambientais na América Latina".

Revisado pelos autores.